

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
DIRECTOR — Manuel da Silva Campos
Proprietário — Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI — Número 1.815
Quinta-feira, 23 de Outubro de 1924
PREÇO — 30 CENTAVOS

A Associação é a arma mais útil que os trabalhadores podem manjar para se defenderem dos abusos e das injustiças dos seus exploradores. A ela sómente devem confiar a satisfação das suas reivindicações.

O sindicalismo é o mais poderoso meio de luta a empregar pelo proletariado para o libertar do jugo do Capital e do Estado.

Prisões insuportáveis

O que vai presentemente pelas prisões é simplesmente fabuloso. Espanca-se, maltrata-se, insulta-se e vexa-se os presos, como se não se tratasse de homens, mas de animais ferozes apanhados nas selvas.

Ante ontem, os presos políticos e sociais revoltaram-se contra a péssima alimentação que no governo civil lhes dão — péssima e nauseabunda, como o poderão afirmar todos aqueles que, como nós, já passaram por aqueles imundos calabouços — e em resposta aos seus justíssimos protestos fecharam-nos incommunicáveis em várias esquadras.

Assim que a democracia, que tam boas reformas apregoou para o regime prisional, trata homens que merecem ser tratados como homens e não como cães.

Não sabemos a quem atribuir as culpas desta infame maneira de tratar os presos — talvez ao sr. Barbosa Viana, talvez ao comissário geral ou ao governador civil — sabemos que aqueles homens foram castigados injustamente e que para decôr das autoridades urge que lhes seja imediatamente levantada a incommunicabilidade que estão sofrendo.

Então pode-se lá admitir que um punhado de homens tenha de aceitar como boa uma comida que causa náuseas no estômago mais forte?

Há uma imprensa que não combate energeticamente esse crime? Onde está a piedade desses católicos que vão todos os dias à igreja e consentem que na sociedade em que vivem se tratem homens com menos consideração do que se dispensa aos porcos?

Há mais. Nestes últimos tempos, por todas as cadeias se abusava da situação dos presos, que manietados não têm maneira de fazer viar os seus direitos. No Forte de Monsanto espancam-se e cobardemente e barbaramente os reclusos. Vem às colunas dos jornais o eco dessas agressões. E ninguém se mexe, não se tomam providências, porque políticos e governantes, enleados na trama dos seus negócios tenebrosos não têm tempo para cuidar dos desgraçados que caem no fundo das lóbregas enxovias.

A cada momento salta-se sobre as leis da república, faz-se taboara dos diplomas oficiais que dispensam alguma protecção aos pequenos, aos que não cometem gloriosos roubos que tornam fácil o caminho do poder.

Presentemente, contra o que a Constituição precetua, encontram-se homens presos e incommunicáveis há vinte e mais dias! Praticam-se estas brutalidades com um cinismo revoltante.

Estes factos vão desacreditando a república, vão-na tornando odiosa aos olhos das pessoas que ainda não têm obliterados os sentimentos humanitários.

Por isso o actual regime se resume a algumas dúzias de cavalheiros sem moral que roubam, tiranizam e enriquecem cercados pelas baionetas da guarda republicana.

Na Boa Hora

Prosseguiu ontem o julgamento de Zeferino da Silva

O agente Almeida "Malhado" acusado de ter morto Guilherme Lima

Horriovel! Horriovel!

Anda se escrevem e acreditam estas coisas! As Novidades nutrem pela Rússia um ódio tão cego que chegam a afirmar o absurdo.

Ontem, num ar de quem põe as mãos na cabeça alucinado ou de quem ignora os crimes de lascívia que se praticam nos seminários, diziam da Rússia:

«Quarenta por cento das escolas são verdadeiras fossas. As crianças dormem em promiscuidade pelas calçadas das ruas, a maior parte vítimas já da tuberculose e do escrofulismo. Os rapazes vivem abandonados, as raparigas quasi todas coacçãoaniciadas, entregando-se aos piores excessos.

Milhares de crianças encontram-se pelos vagões das gares, a dormir em monte, esparpadas ou nuas.

E os pais? Não têm mais estas crianças?

Mataram-nos na maior parte, ou viam-se forçados a abandonar os filhos, por não terem que lhes dar de comer nem em que trabalhar para ganharem a vida. Muitos viram os filhos confiscados pelo Estado.

As crianças da Rússia pertencem ao Estado que as sequestra cu as mata, ou força — é horriovel — as próprias mães a matá-las antes de nascerem!»

Eu escusado afirmar aos nossos leitores que As Novidades mentem e caluniam, com tam pouco jeito que é o próprio exagero das suas mentiras e das suas calúnias que as desmente.

A Batalha — sabem-no os leitores — não é um órgão comunista, nem tampouco concorda com os princípios ditatoriais que triunfaram na Rússia. Entretanto, não falaria a verdade e a primeira a reconhecer que precisamente a grande obra de educação e de assistência à infância é o que do actual regime russo mais seduz todos os que entendem que a melhor maneira de preparar o futuro deve começar por bem cuidar das crianças. Tomáramos nós que em Portugal a infância tivesse uma protecção tam carinhosa como a que a Rússia dispensa aos seus filhos.

As Novidades são tam céticas nas suas calúnias que chegam a afirmar este impossível: o Estado obriga as mães a matar os filhos antes de nascerem.

Então se as crianças não nasceram, como podem as mães assassiná-las?

Só As Novidades que aceitam que Nessa Senhora parisse um filho, ficando virgem, podem acreditar nesse outro milagre, de se assassinar indivíduos que não existem...

Os presos do calabouço 7

estão incommunicáveis e condenados à fome!

A reacção religiosa

A U. S. O. de Almada vai protestar contra uma procissão em projecto

O julgamento de António Canha

realiza-se na próxima quarta-feira

E na próxima quarta-feira, 29, e não hoje, 23, como por gralha tipográfica nã neste jornal, que se realiza o julgamento de António Nunes Canha, acusado de ter morto a tiro, no cemitério dos Prazeres, o gerente da União Fabril sr. Adolfo Couto Viana.

O acusado pede-nos que renovemos as suas testemunhas de defesa o seu pedido de não fallarem ao julgamento.

NÃO SE APAVOREM...

Anda apavorada certa imprensa patriótica com a venda do jornal Diário de Notícias. Diz-se que o comprador será o conhecido e benquistado moço de Rui Monteiro Guimarães que ajudou poderosamente o Mundo a fazer aquela alucinada campanha contra o mesmo Diário de Notícias e contra a Moagem com quem o ilustre homem de negócios tinha umas contazinhas a ajustar. Mas não é apenas o sr. Monteiro Guimarães quem compra o Diário de Notícias em péso; é ele, auxiliado por algumas entidades belgas misteriosas. São as entidades belgas e não o sr. Rui Monteiro Guimarães, que apavoram a imprensa patriótica, porque a imprensa portuguesa pode estar nas mãos de portugueses duvidados, pode servir para defender as maiores infâmias nacionais, o que não pode servir interesses estrangeiros.

Quanto a nós, pouca diferença encontramos entre os capitalistas portugueses e os estrangeiros — e a pouca que encontramos, por muito que nós, dês os nacionalistas exaltados, pesa a favor dos estrangeiros que mesmo quando nos roubam, nos tratam, a nós, roubados, com mais deferencia e penhorante gentileza.

Dizem que são belgas os futuros proprietários do Diário de Notícias. Quem diz que esses belgas virão a pagar melhor ao seu pessoal e a imprimir os futuros artigos e locais do seu jornal uma orientação mais aceitável, mais moderna e até certo ponto, mais progressiva do que a outra que, dia a dia, verificamos na velha gazeta? Quem sabe?

De resto, para que tantos rechos dos belgas de se infiltrarem na imprensa, se o nosso Régio Chaves, generoso e bom, dorme sossegado, enquanto eles se infiltram subtilmente na provincia de Angola?

A questão dos eléctricos

Nota officiosa da U. S. O.

Tendo a Câmara Municipal de Lisboa publicado na imprensa diária uma nota officiosa sobre o aumento de tarifas, que novamente pretende fazer a Companhia Carris de Ferro, na qual se depreende que essa autorização será concedida pelo tenente-coronel Freiria, a comissão administrativa da U. S. O. estranha tal facto e previne todo o operariado para opôr-se por todas as formas a que vá por diante tal pretensão que na actualidade nada justifica.

Para tratar deste estranho caso resolveu a comissão administrativa avistar-se hoje com o sr. Freiria.

O incorruptível

O tenente-coronel Freiria e as ambições da Companhia Carris

A Companhia Carris, sempre que o câmbio desce e, consequentemente, a libra trepava vinha numa grande lamúria pedir à Câmara Municipal um aumentozinho de tarifas para a ajuda das despesas.

A's vezes a Câmara torcia a venter de mau humor, mas logo surgia o tenente-coronel Freiria, director geral dos Transportes e presidente da Comissão arbitral, que torçava lanças pela Companhia que acabava sempre por obter o que reclamava.

É certo que se invocava a má situação económica do pessoal e este, apesar de todos os aumentos concedidos ficava alguns milhares de contos, numa situação tam má como antes.

Este sr. Freiria, não sabemos porque, tem passado sempre por pessoa correcta, caracter incorruptível, espírito tam justo e recto que se impunha para presidir a uma comissão arbitral.

O certo é que ninguém se quiz lembrar de que o brioso militar tem sobre os ombros acusações tremendas, ainda não pulverizadas, de attitudes de fracção quando da grande guerra; ninguém se lembrou que o incorruptível cavalheiro faz parte de empresas industriais cujas condutas duvidosas ainda há pouco tempo foi tornada pública sem que o menor desmentido desfezesse as acusações publicadas. Isto bastaria para que esse Freiria não merecesse confiança, nem fosse colocado em tam melindroso cargo.

Acresce ainda que a sua attitude na comissão arbitral tem sido sempre duma parcialidade suspensibilis, dando as suas decisões a favor do Sindicato de Santo Amaro e defendendo-o com a insistência e o interesse dum advogado bem pago.

Pois a Companhia agora que a libra desce não foi pedir à Câmara licenças para reduzir o preço das suas tarifas — foi pedir novo aumento.

E' escandaloso este pedido. E o mais escandaloso é que o incorruptível Freiria, acusado de traidor em França, de accionista duma Companhia que falsificava assinaaturas, defende, como presidente da comissão arbitral e director geral dos Transportes, mais este bode à riquíssima Companhia Carris.

Não será já demasiada a confiança que se deposita no sr. Freiria?

Os presos do calabouço 7

estão incommunicáveis e condenados à fome!

A greve dos pescadores — Um officio que origina grande discussão

Na sessão da manhã de hoje, propositado, como de costume, pelas 9 horas, são lidos, no expediente, os seguintes telegramas: dos Manipuladores de Pão de Lisboa, da C. C. T., Descarregadores de Terra e Mar de Almada e União dos Sindicatos Operários e Descarregadores de Terra e Mar de Lisboa.

Officios da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio; Associação Marítima dos Poveiros, comunicando também, mercê das enormes despesas que tem feito e das suas dificuldades financeiras por quem passando, não poder, como seria seu desejo, contribuir com a cota de 1550 expressa no artigo 32.º do novo Estatuto Federativo; Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; União dos Empregados no Comércio do Porto; Associação dos Operários Marítimos de Cezimbra; Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, dizendo tencionar que as suas saídas não sejam transmitidas pelos seu próprio órgão jornalístico, em virtude de estar atrasada a sua preparação e a sua saída do último número effectuar-se depois do Congresso — não significando isto, no entanto, que o Eco do Arsenal não venha a referir-se largamente a presente reunião magna das classes marítimas e fluviais da região portuguesa, principalmente ao facto das relações internacionais, publicando na integra a respectiva tese; Federação Metalúrgica; Associação de Classe dos Empregados na Exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Depois de Manuel José Marrão, como representante dos pescadores e barqueiros de Ferro, felicitar o Congresso, a C. C. T. e a Batalha, realça grande discussão a propósito do officio da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.

Eduardo Aguiar, entre outras considerações, entende que havendo, mercê da sua attitude energica mantida na última greve, alguns pescadores de Cezimbra há meses desempregados, estes devem ser preferidos para fazerem parte das aludidas tripulações.

Júlio da Anunciação afirma que, quando foi declarada a greve dos officiais de pesca, os descarregadores de Mar e Terra prestaram toda a sua solidariedade não carregando carvão para os navios, no sentido de que estes saíssem, por consequência, fôrsem prejudicados os grevistas. Os armadores conseguiram, porém, pessoal estrangeiro para fazer o serviço, dando em resultado que, solucionada a greve, ficaram prejudicados os descarregadores, em compensação do seu nobre gesto de solidariedade. Acha, portanto, justo que o Congresso resolva para que na plataforma pró-solução do conflito seja incluída a condição de que o serviço volte imediatamente para os descarregadores de mar e terra. Assim fica deliberado.

António Braz, fazendo igualmente um pouco de história da questão, termina por propor «para que o Congresso resolva convidar que a bordo dos navios se matriculem marinheiros e moços dos Sindicatos dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, devido a Alfredo Mendes não querer que os pescadores se matriculem».

Eduardo Aguiar, que novamente volta a usar da palavra, propõe, em aditamento, «para que na proposta da camarada António Braz sejam incluídos os camaradas pescadores de Cezimbra, vítimas do último movimento grevista aqui realizado».

João Lourenço Pinto propõe também para que, «logo que os marinheiros estejam federados sejam os preferidos».

Falaram ainda Silvino Noronha, António da Conceição, José de Almeida, que pretende se termine com os industrialistas dentro da organização e associa-se agora se está reconhecendo o que outrora dissera acerca de Alfredo Mendes, motivo porque lhe trouxera algumas descondições; José dos Santos, Francisco Cunha, etc., etc., salientando quasi todos, não só os factos predominantes do supramencionado movimento, mas ainda a manifesta deslealdade, sistemática perseguição do alvijo do Alfredo Mendes, o qual, depois de ter arrastado para uma greve diversas classes marítimas, terminara por se empregar vantajosamente na casa dum indivíduo que estava à frente da patrulha.

A requerimento de Guilherme de Oliveira Dias, dos Descarregadores de Leixões, é, com prejuizo dos oradores inscritos, dada a matéria por discutida na exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

O incorruptível

O tenente-coronel Freiria e as ambições da Companhia Carris

A Companhia Carris, sempre que o câmbio desce e, consequentemente, a libra trepava vinha numa grande lamúria pedir à Câmara Municipal um aumentozinho de tarifas para a ajuda das despesas.

A's vezes a Câmara torcia a venter de mau humor, mas logo surgia o tenente-coronel Freiria, director geral dos Transportes e presidente da Comissão arbitral, que torçava lanças pela Companhia que acabava sempre por obter o que reclamava.

É certo que se invocava a má situação económica do pessoal e este, apesar de todos os aumentos concedidos ficava alguns milhares de contos, numa situação tam má como antes.

Este sr. Freiria, não sabemos porque, tem passado sempre por pessoa correcta, caracter incorruptível, espírito tam justo e recto que se impunha para presidir a uma comissão arbitral.

O certo é que ninguém se quiz lembrar de que o brioso militar tem sobre os ombros acusações tremendas, ainda não pulverizadas, de attitudes de fracção quando da grande guerra; ninguém se lembrou que o incorruptível cavalheiro faz parte de empresas industriais cujas condutas duvidosas ainda há pouco tempo foi tornada pública sem que o menor desmentido desfezesse as acusações publicadas. Isto bastaria para que esse Freiria não merecesse confiança, nem fosse colocado em tam melindroso cargo.

Acresce ainda que a sua attitude na comissão arbitral tem sido sempre duma parcialidade suspensibilis, dando as suas decisões a favor do Sindicato de Santo Amaro e defendendo-o com a insistência e o interesse dum advogado bem pago.

Pois a Companhia agora que a libra desce não foi pedir à Câmara licenças para reduzir o preço das suas tarifas — foi pedir novo aumento.

E' escandaloso este pedido. E o mais escandaloso é que o incorruptível Freiria, acusado de traidor em França, de accionista duma Companhia que falsificava assinaaturas, defende, como presidente da comissão arbitral e director geral dos Transportes, mais este bode à riquíssima Companhia Carris.

Não será já demasiada a confiança que se deposita no sr. Freiria?

Os presos do calabouço 7

estão incommunicáveis e condenados à fome!

A greve dos pescadores — Um officio que origina grande discussão

Na sessão da manhã de hoje, propositado, como de costume, pelas 9 horas, são lidos, no expediente, os seguintes telegramas: dos Manipuladores de Pão de Lisboa, da C. C. T., Descarregadores de Terra e Mar de Almada e União dos Sindicatos Operários e Descarregadores de Terra e Mar de Lisboa.

Officios da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio; Associação Marítima dos Poveiros, comunicando também, mercê das enormes despesas que tem feito e das suas dificuldades financeiras por quem passando, não poder, como seria seu desejo, contribuir com a cota de 1550 expressa no artigo 32.º do novo Estatuto Federativo; Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; União dos Empregados no Comércio do Porto; Associação dos Operários Marítimos de Cezimbra; Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, dizendo tencionar que as suas saídas não sejam transmitidas pelos seu próprio órgão jornalístico, em virtude de estar atrasada a sua preparação e a sua saída do último número effectuar-se depois do Congresso — não significando isto, no entanto, que o Eco do Arsenal não venha a referir-se largamente a presente reunião magna das classes marítimas e fluviais da região portuguesa, principalmente ao facto das relações internacionais, publicando na integra a respectiva tese; Federação Metalúrgica; Associação de Classe dos Empregados na Exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Depois de Manuel José Marrão, como representante dos pescadores e barqueiros de Ferro, felicitar o Congresso, a C. C. T. e a Batalha, realça grande discussão a propósito do officio da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.

Eduardo Aguiar, entre outras considerações, entende que havendo, mercê da sua attitude energica mantida na última greve, alguns pescadores de Cezimbra há meses desempregados, estes devem ser preferidos para fazerem parte das aludidas tripulações.

Júlio da Anunciação afirma que, quando foi declarada a greve dos officiais de pesca, os descarregadores de Mar e Terra prestaram toda a sua solidariedade não carregando carvão para os navios, no sentido de que estes saíssem, por consequência, fôrsem prejudicados os grevistas. Os armadores conseguiram, porém, pessoal estrangeiro para fazer o serviço, dando em resultado que, solucionada a greve, ficaram prejudicados os descarregadores, em compensação do seu nobre gesto de solidariedade. Acha, portanto, justo que o Congresso resolva para que na plataforma pró-solução do conflito seja incluída a condição de que o serviço volte imediatamente para os descarregadores de mar e terra. Assim fica deliberado.

António Braz, fazendo igualmente um pouco de história da questão, termina por propor «para que o Congresso resolva convidar que a bordo dos navios se matriculem marinheiros e moços dos Sindicatos dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, devido a Alfredo Mendes não querer que os pescadores se matriculem».

Eduardo Aguiar, que novamente volta a usar da palavra, propõe, em aditamento, «para que na proposta da camarada António Braz sejam incluídos os camaradas pescadores de Cezimbra, vítimas do último movimento grevista aqui realizado».

João Lourenço Pinto propõe também para que, «logo que os marinheiros estejam federados sejam os preferidos».

Falaram ainda Silvino Noronha, António da Conceição, José de Almeida, que pretende se termine com os industrialistas dentro da organização e associa-se agora se está reconhecendo o que outrora dissera acerca de Alfredo Mendes, motivo porque lhe trouxera algumas descondições; José dos Santos, Francisco Cunha, etc., etc., salientando quasi todos, não só os factos predominantes do supramencionado movimento, mas ainda a manifesta deslealdade, sistemática perseguição do alvijo do Alfredo Mendes, o qual, depois de ter arrastado para uma greve diversas classes marítimas, terminara por se empregar vantajosamente na casa dum indivíduo que estava à frente da patrulha.

A requerimento de Guilherme de Oliveira Dias, dos Descarregadores de Leixões, é, com prejuizo dos oradores inscritos, dada a matéria por discutida na exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Os presos do calabouço 7

estão incommunicáveis e condenados à fome!

A greve dos pescadores — Um officio que origina grande discussão

Na sessão da manhã de hoje, propositado, como de costume, pelas 9 horas, são lidos, no expediente, os seguintes telegramas: dos Manipuladores de Pão de Lisboa, da C. C. T., Descarregadores de Terra e Mar de Almada e União dos Sindicatos Operários e Descarregadores de Terra e Mar de Lisboa.

Officios da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio; Associação Marítima dos Poveiros, comunicando também, mercê das enormes despesas que tem feito e das suas dificuldades financeiras por quem passando, não poder, como seria seu desejo, contribuir com a cota de 1550 expressa no artigo 32.º do novo Estatuto Federativo; Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; União dos Empregados no Comércio do Porto; Associação dos Operários Marítimos de Cezimbra; Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, dizendo tencionar que as suas saídas não sejam transmitidas pelos seu próprio órgão jornalístico, em virtude de estar atrasada a sua preparação e a sua saída do último número effectuar-se depois do Congresso — não significando isto, no entanto, que o Eco do Arsenal não venha a referir-se largamente a presente reunião magna das classes marítimas e fluviais da região portuguesa, principalmente ao facto das relações internacionais, publicando na integra a respectiva tese; Federação Metalúrgica; Associação de Classe dos Empregados na Exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Depois de Manuel José Marrão, como representante dos pescadores e barqueiros de Ferro, felicitar o Congresso, a C. C. T. e a Batalha, realça grande discussão a propósito do officio da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.

Eduardo Aguiar, entre outras considerações, entende que havendo, mercê da sua attitude energica mantida na última greve, alguns pescadores de Cezimbra há meses desempregados, estes devem ser preferidos para fazerem parte das aludidas tripulações.

Júlio da Anunciação afirma que, quando foi declarada a greve dos officiais de pesca, os descarregadores de Mar e Terra prestaram toda a sua solidariedade não carregando carvão para os navios, no sentido de que estes saíssem, por consequência, fôrsem prejudicados os grevistas. Os armadores conseguiram, porém, pessoal estrangeiro para fazer o serviço, dando em resultado que, solucionada a greve, ficaram prejudicados os descarregadores, em compensação do seu nobre gesto de solidariedade. Acha, portanto, justo que o Congresso resolva para que na plataforma pró-solução do conflito seja incluída a condição de que o serviço volte imediatamente para os descarregadores de mar e terra. Assim fica deliberado.

António Braz, fazendo igualmente um pouco de história da questão, termina por propor «para que o Congresso resolva convidar que a bordo dos navios se matriculem marinheiros e moços dos Sindicatos dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, devido a Alfredo Mendes não querer que os pescadores se matriculem».

Eduardo Aguiar, que novamente volta a usar da palavra, propõe, em aditamento, «para que na proposta da camarada António Braz sejam incluídos os camaradas pescadores de Cezimbra, vítimas do último movimento grevista aqui realizado».

João Lourenço Pinto propõe também para que, «logo que os marinheiros estejam federados sejam os preferidos».

Falaram ainda Silvino Noronha, António da Conceição, José de Almeida, que pretende se termine com os industrialistas dentro da organização e associa-se agora se está reconhecendo o que outrora dissera acerca de Alfredo Mendes, motivo porque lhe trouxera algumas descondições; José dos Santos, Francisco Cunha, etc., etc., salientando quasi todos, não só os factos predominantes do supramencionado movimento, mas ainda a manifesta deslealdade, sistemática perseguição do alvijo do Alfredo Mendes, o qual, depois de ter arrastado para uma greve diversas classes marítimas, terminara por se empregar vantajosamente na casa dum indivíduo que estava à frente da patrulha.

A requerimento de Guilherme de Oliveira Dias, dos Descarregadores de Leixões, é, com prejuizo dos oradores inscritos, dada a matéria por discutida na exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

O incorruptível

O tenente-coronel Freiria e as ambições da Companhia Carris

A Companhia Carris, sempre que o câmbio desce e, consequentemente, a libra trepava vinha numa grande lamúria pedir à Câmara Municipal um aumentozinho de tarifas para a ajuda das despesas.

A's vezes a Câmara torcia a venter de mau humor, mas logo surgia o tenente-coronel Freiria, director geral dos Transportes e presidente da Comissão arbitral, que torçava lanças pela Companhia que acabava sempre por obter o que reclamava.

É certo que se invocava a má situação económica do pessoal e este, apesar de todos os aumentos concedidos ficava alguns milhares de contos, numa situação tam má como antes.

Este sr. Freiria, não sabemos porque, tem passado sempre por pessoa correcta, caracter incorruptível, espírito tam justo e recto que se impunha para presidir a uma comissão arbitral.

O certo é que ninguém se quiz lembrar de que o brioso militar tem sobre os ombros acusações tremendas, ainda não pulverizadas, de attitudes de fracção quando da grande guerra; ninguém se lembrou que o incorruptível cavalheiro faz parte de empresas industriais cujas condutas duvidosas ainda há pouco tempo foi tornada pública sem que o menor desmentido desfezesse as acusações publicadas. Isto bastaria para que esse Freiria não merecesse confiança, nem fosse colocado em tam melindroso cargo.

Acresce ainda que a sua attitude na comissão arbitral tem sido sempre duma parcialidade suspensibilis, dando as suas decisões a favor do Sindicato de Santo Amaro e defendendo-o com a insistência e o interesse dum advogado bem pago.

Pois a Companhia agora que a libra desce não foi pedir à Câmara licenças para reduzir o preço das suas tarifas — foi pedir novo aumento.

E' escandaloso este pedido. E o mais escandaloso é que o incorruptível Freiria, acusado de traidor em França, de accionista duma Companhia que falsificava assinaaturas, defende, como presidente da comissão arbitral e director geral dos Transportes, mais este bode à riquíssima Companhia Carris.

Não será já demasiada a confiança que se deposita no sr. Freiria?

Os presos do calabouço 7

estão incommunicáveis e condenados à fome!

A greve dos pescadores — Um officio que origina grande discussão

Na sessão da manhã de hoje, propositado, como de costume, pelas 9 horas, são lidos, no expediente, os seguintes telegramas: dos Manipuladores de Pão de Lisboa, da C. C. T., Descarregadores de Terra e Mar de Almada e União dos Sindicatos Operários e Descarregadores de Terra e Mar de Lisboa.

Officios da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio; Associação Marítima dos Poveiros, comunicando também, mercê das enormes despesas que tem feito e das suas dificuldades financeiras por quem passando, não poder, como seria seu desejo, contribuir com a cota de 1550 expressa no artigo 32.º do novo Estatuto Federativo; Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; União dos Empregados no Comércio do Porto; Associação dos Operários Marítimos de Cezimbra; Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, dizendo tencionar que as suas saídas não sejam transmitidas pelos seu próprio órgão jornalístico, em virtude de estar atrasada a sua preparação e a sua saída do último número effectuar-se depois do Congresso — não significando isto, no entanto, que o Eco do Arsenal não venha a referir-se largamente a presente reunião magna das classes marítimas e fluviais da região portuguesa, principalmente ao facto das relações internacionais, publicando na integra a respectiva tese; Federação Metalúrgica; Associação de Classe dos Empregados na Exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Depois de Manuel José Marrão, como representante dos pescadores e barqueiros de Ferro, felicitar o Congresso, a C. C. T. e a Batalha, realça grande discussão a propósito do officio da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.

Eduardo Aguiar, entre outras considerações, entende que havendo, mercê da sua attitude energica mantida na última greve, alguns pescadores de Cezimbra há meses desempregados, estes devem ser preferidos para fazerem parte das aludidas tripulações.

Júlio da Anunciação afirma que, quando foi declarada a greve dos officiais de pesca, os descarregadores de Mar e Terra prestaram toda a sua solidariedade não carregando carvão para os navios, no sentido de que estes saíssem, por consequência, fôrsem prejudicados os grevistas. Os armadores conseguiram, porém, pessoal estrangeiro para fazer o serviço, dando em resultado que, solucionada a greve, ficaram prejudicados os descarregadores, em compensação do seu nobre gesto de solidariedade. Acha, portanto, justo que o Congresso resolva para que na plataforma pró-solução do conflito seja incluída a condição de que o serviço volte imediatamente para os descarregadores de mar e terra. Assim fica deliberado.

António Braz, fazendo igualmente um pouco de história da questão, termina por propor «para que o Congresso resolva convidar que a bordo dos navios se matriculem marinheiros e moços dos Sindicatos dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, devido a Alfredo Mendes não querer que os pescadores se matriculem».

Eduardo Aguiar, que novamente volta a usar da palavra, propõe, em aditamento, «para que na proposta da camarada António Braz sejam incluídos os camaradas pescadores de Cezimbra, vítimas do último movimento grevista aqui realizado».

João Lourenço Pinto propõe também para que, «logo que os marinheiros estejam federados sejam os preferidos».

Falaram ainda Silvino Noronha, António da Conceição, José de Almeida, que pretende se termine com os industrialistas dentro da organização e associa-se agora se está reconhecendo o que outrora dissera acerca de Alfredo Mendes, motivo porque lhe trouxera algumas descondições; José dos Santos, Francisco Cunha, etc., etc., salientando quasi todos, não só os factos predominantes do supramencionado movimento, mas ainda a manifesta deslealdade, sistemática perseguição do alvijo do Alfredo Mendes, o qual, depois de ter arrastado para uma greve diversas classes marítimas, terminara por se empregar vantajosamente na casa dum indivíduo que estava à frente da patrulha.

A requerimento de Guilherme de Oliveira Dias, dos Descarregadores de Leixões, é, com prejuizo dos oradores inscritos, dada a matéria por discutida na exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Os presos do calabouço 7

estão incommunicáveis e condenados à fome!

A greve dos pescadores — Um officio que origina grande discussão

Na sessão da manhã de hoje, propositado, como de costume, pelas 9 horas, são lidos, no expediente, os seguintes telegramas: dos Manipuladores de Pão de Lisboa, da C. C. T., Descarregadores de Terra e Mar de Almada e União dos Sindicatos Operários e Descarregadores de Terra e Mar de Lisboa.

Officios da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio; Associação Marítima dos Poveiros, comunicando também, mercê das enormes despesas que tem feito e das suas dificuldades financeiras por quem passando, não poder, como seria seu desejo, contribuir com a cota de 1550 expressa no artigo 32.º do novo Estatuto Federativo; Associação de Classe dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante; União dos Empregados no Comércio do Porto; Associação dos Operários Marítimos de Cezimbra; Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, dizendo tencionar que as suas saídas não sejam transmitidas pelos seu próprio órgão jornalístico, em virtude de estar atrasada a sua preparação e a sua saída do último número effectuar-se depois do Congresso — não significando isto, no entanto, que o Eco do Arsenal não venha a referir-se largamente a presente reunião magna das classes marítimas e fluviais da região portuguesa, principalmente ao facto das relações internacionais, publicando na integra a respectiva tese; Federação Metalúrgica; Associação de Classe dos Empregados na Exploração do Porto de Lisboa; Federação Internacional dos Transportes explicando o motivo porque o seu secretário geral não pode pessoalmente representá-la no Congresso Marítimo Português e desejando que os valentes esforços desta reunião contribuam, não só para uma organização poderosa e influente, mas também para a elevação do nível moral da vida dos seus associados e da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais, a propósito de um telegrama enviado ao Congresso acerca da greve dos capitães, maquinistas e fogueiros dos barcos de pesca, a que ontem nos referimos. Nesse officio respondia-se à considerada impressão do referido telegrama, desta maneira:

«Há dois navios de pesca prontos a seguir para o mar, cujos armadores satisfazem as regalias exigidas pelos grevistas, estando estes dispostos a regressarem aos navios nestas condições. Mas surge que o Alfredo de Oliveira Mendes não consente a matricula de marinheiros de pesca, desconhecendo-se se os seus fins, pois que estes se matriculam com as regalias pedidas. Sucede que da comissão de controle dos capitães e um delegado dos maquinistas fluviais pedem para que sejam recrutados marinheiros de longo curso para a guarnição dos ditos navios.»

Depois de Manuel José Marrão, como representante dos pescadores e barqueiros de Ferro, felicitar o Congresso, a C. C. T. e a Batalha, realça grande discussão a propósito do officio da Federação Nacional dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais.

Eduardo Aguiar, entre outras considerações, entende que havendo, mercê da sua attitude energica mantida na última greve, alguns pescadores de Cezimbra há meses desempregados, estes devem ser preferidos para fazerem parte das aludidas tripulações.

Júlio da Anunciação afirma que, quando foi declarada a greve dos officiais de pesca, os descarregadores de Mar e Terra prestaram toda a sua solidariedade não carregando carvão para os navios, no sentido de que estes saíssem, por consequência, fôrsem prejudicados os grevistas. Os armadores conseguiram, porém

A ENTREVISTA

O moderno jornalismo, que na arte de angustiar o público progrediu imenso, adoptou um género de artigo que não é artigo, nem deixa de o ser — é a entrevista. Os jornais portugueses que importam lá de fora as máquinas de impressão, o papel e o tipo, importaram também a entrevista. Durante muito tempo — e hoje ainda alguns persistem — a entrevista impedia as colunas dos jornais. Entrevistavam os ministros, os reis, os deputados, os senadores, as crianças, os banqueiros e os criminosos. Toda a gente estava habilitada, a chegar às colunas da grande gazeta, como quem chega à janela de sua casa, e de lá despejar impróprios contra o visinho, amabilidades para a vizinha; e pronunciar-se sobre problemas sociais e políticos, a discutir ciência e arte. A entrevista banalizou-se tanto que os jornalistas hoje, à falta de entrevistados, chegam a entrevistar-se uns aos outros. Há ainda um outro género de entrevista adoptado por profissionais do jornalismo que lutam com falta de assunto — a entrevista com o vácuo.

Ora, sobre este assunto... vamos hoje entrevistar um personagem que ainda não se pronunciou — vamos entrevistar *A Batalha*.

Existe uma fórmula para iniciar as entrevistas à qual nós pretendemos furar-lhe o nariz.

—Que pensa V. Ex.ª do uso e abuso da entrevista?

Ao ouvir esta pergunta, a nossa entrevistada, *A Batalha*, franziu o sobrolho e disse:

—Meu caro, como as pessoas importantes principiaram por lhe dizer que tenho muita consideração pelos jornalistas mas não concedo entrevistas...

—?!

Perante estes pontos de interrogação, *A Batalha* quedou um momento sorridente e prosseguiu:

—Não me queira assustar com esses sinais, cuja utilidade — ajudar o periclitado a encher mais uma linha — conheço há muito.

—Como os bons entrevistados depois de recusar a entrevista, concedem a por que necessário dela. E' isso a gente fazer-se rogar para o leitor julgar que o entrevistador é muito esperto e capaz de arrancar palavras dos lábios alheios como quem desfolha garrafas.

Dito isto, *A Batalha*, com a naturalidade de quem conversa em casa com a família, foi dizendo:

—A entrevista, meu amigo, é útil, é necessária quando determinado indivíduo, pela situação que ocupa na sociedade, pelo seu saber, pelo seu estudo está apto, melhor do que o próprio jornal que o procura, a esclarecer, a elucidar o público sobre uma questão de interesse colectivo e de utilidade social.

—Mas — dissemos — os nossos jornais não têm o mesmo critério...

—Não — atalhou *A Batalha* — os nossos jornais, salvo raras excepções, chegam a entrevistar pessoas que nada dizem, como por exemplo, aquele príncipe português que passou a por Lisboa e botou fela na *Epoca*. E como eles dizem, vão as gazetas e põem nas suas bocas aquelas frases agressivas com que pretendem ferir os regimes, os homens e as causas que não lhes agradam.

—E' também moda — prosseguiu o nosso illustre entrevistado — não se dizer o nome da pessoa pseudo-entrevistada...

Falamos ontem com uma figura marcante do partido X, ou com um delegado da V. T. P., ou com um disse o seguinte — e o que se segue é o que o jornalista inventou sem perigo de o tal delegado o desmentir pela simples razão de nunca ter existido. E' o caso da aquela entrevista com um delegado da U. S. O. sobre a crise de Trabalho publicada em *A Tarde* de ontem.

Quem teria sido esse delegado?

Concordamos. Então *A Batalha*, para rematar lembrou:

—Não viu aquele protesto dos socialistas contra uma entrevista publicada na *Capital* com um importante socialista espanhol?

—Vimos.

—Pois, bem, como sabe o importante socialista não existe e *A Capital* serviu-se dessa personagem da sua invenção para ferir os socialistas, que, justamente se indignaram contra o facto.

—Não é decente...

—Não são decentes estes processos — rematou *A Batalha* — de que a imprensa se está servindo actualmente. Por isso, e com razão, o público cada vez maior desconfia, está tendo pela imprensa que se tem enlaçado nas mais repugnantes abjeções.

Para não faltarmos à praxe estabelecida, despedimo-nos de *A Batalha* com um afectuoso aperto de mão...

Organização dos Manipuladores de Pão do País

O Sindicato dos Manipuladores de Pão de Lisboa, convidou os sindicatos da mesma indústria de todo o país a mandarem-lhe os seus endereços para se fazer a eleição de uma comissão de milícias a fim de se preparar o congresso da classe.

A todos os sindicatos se pede a maior rapidez nas suas respostas para se organizar também com brevidade os respectivos trabalhos.

POR ARRENTELA

A situação dos operários textéis

O que diz o camarada Cambra Júnior sobre as deficiências da organização da classe

Quasi no fim do mundo arrentelense, um primeiro andar, existe triste e abandonada a mansão de acanhadas dimensões que serve de sede à Associação de Classe dos Manipuladores de Lãfilos de Arrentela, ficando bem, infelizmente, a seguinte frase de Sócrates: —Uma casa para encher de verdadeiros amigos é sempre grande de mais.

Reinava nesse lugar de reivindicações proletárias um silêncio profundo, que nem o zumbido das mósicas se ouvia por se terem entregado a Morfeu — estas teimosas nojentas que constantemente nos arrelham, metendo o nariz onde não são chamadas e a maior parte das vezes nos obrigam até a vomitar as tripas!

Um dos camaradas directores agrado ao «Caixa» lá fazendo os lançamentos da receita e da despesa, desviando a sua atenção do trabalho administrativo para me conceder alguns minutos de amena palestra, sobre assuntos de interesse orgânico.

Cambra Júnior, de temperamento rebelde, frita-me com as suas pupilas impregnadas de fé e esperança num futuro de equidade e justiça, foi-me dando as informações que reproduzo fielmente.

—A organização da minha classe, em geral está muito fraca!

—O motivo desta debilidade, são as desinteligências constantes entre jornaleiros e empregados.

—Porquê? — pergunta.

—E' o que vou tentar explicar o mais resumidamente possível, fazendo a apreciação por especialidades, porque na fábrica cada uma tem as suas condições de trabalho!

—A «cardação», por exemplo, possui em tempos, bons elementos para a organização — foram até os maiores impulsores do revigoramento do nosso sindicato. Porém, alguns movimentos infelizes que fracassaram por culpa desses mesmos camaradas por não terem unidade; pouca ideologia sindical, e nalguns haver falta de orientação.

—Nos «fiandeiros» predomina o espírito conservador, pode mesmo dizer-se que foi devido a eles que fracassou o estabelecimento do horário de verão, das 8 horas, chegando alguns a afirmar perante o director que queriam as 10 horas de verão para restaurar o que perdiam durante o período das 8 horas, sendo da especialidade de empreitadas, economicamente, os que estão melhores.

—Têm boas companheiras, a «urdegem», que nos animam algumas vezes nos momentos precisos. Todavia julgavam que tudo eram rosas, mas como a vida sindical traz por vezes os seus abrolhos, hoje pouca força dão à organização.

Deviam desenvolver mais actividade pois precisam de conquistar algumas regalias tais como: abolição do trabalho de empreitada, estipulando uma fôrça semanal.

—O ponto de discórdia existe na oficina de «tecelagem» por causa da distribuição do trabalho, trazendo os nossos camaradas sempre descontentes em virtude de haverem sempre boas e más condições, de forma que se se agruparem no seu sindicato profissional, muitas regalias poderiam conquistar, com a sua união, fazendo com que as teias pudessem manufacturadas a jornal; atados

Camaradas textéis, uni-vos!

Se é na escola que reside o poder de instrução e educação; na sociedade harmoniosa o prazer espiritual da arte; não poderemos viver felizes e alegres, sem que a nossa situação económica seja devidamente tratada pelo vosso sindicato profissional, e para que este facto se constate é necessário que lhe presteis todo o concurso e força que lhe é necessária para assim romper de vez contra aqueles que colididamente nos exploram, que arremessam as vossas companheiras, do lar para a oficina, tuberculizando-as pelo extenuante trabalho, incluindo na voreagem os vossos filhos esqueléticos, que mal a sua mocidade desabrocha começam sentindo as pesadas aguras do industrialismo rapace.

Domingos Afonso RIBEIRO.

Prémio ao trabalho

Depois de 40 anos de exaustivo trabalho, um operário suicida-se por lhe não concederem a reforma a que tinha direito

BARCARENA, 20. — Esta sociedade perversa, que em tantos lares só produz a dor e a miséria, acaba de vibrar um golpe profundo no coração dos nossos camaradas Eduardo e Luís Duarte.

Seu pai, João Duarte, operário da fábrica de Barcarena, depois de 40 laboriosos e exaustivos anos de serviço, trabalhando de dia e de noite, o que equivalia a mais de 100 anos de trabalho, atendendo a que o trabalho nocturno é mais espinhoso — abandonou para sempre esta sociedade pútrida, suicidando-se.

João Duarte, camarada leal, honrado, sincero, sentindo que as forças lhe faltavam, devido à sua perniciosa doença e à velhice, resolveu requerer a reforma a fim de descansar o resto dos seus dias junto da companhia de filhos.

Presente à Junta Hospitalar de Inspecção, viu, com profundo desgosto, que não era satisfeita a sua justíssima aspiração.

Os seus inúmeros anos de serviço, segundo até o que determina o Regulamento do Arsenal do Exército, e por que estava fazendo os descontos para garantir a reforma, davam-lhe o direito de ser reformado, e se a isto tivesse atendido a mencionada Junta, o Estado não teria feito uma enorme, mas cumprido um dever, e agora não teríamos a lamentar a dor da viúva, velha e paralisada e dos quatro filhos, dois dos quais menores.

Para que se não repitam estes casos, tão impressionantes, humano e urgente se torna que se moralize o serviço de reformas, nada sendo prejudicado o Estado com isso, visto que todos os operários do Arsenal do Exército contribuem com os descontos que sofrem, para lhes ser garantido o direito à reforma.

Rendimentos dos operários

A' enfermaria 7 do hospital do Desterro, recolheu Manuel Inácio, de 34 anos, natural de Santarém, morador na estrada de Sacavém, Vila Gomes, 6, que caiu da carroça de que era condutor, no parque do Campo Grande, fracturando o braço direito.

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, recolhendo depois a casa, Joaquim José Pereira, de 35 anos, natural de Lisboa, fogueiro, residente na rua das Farinhas, 34, 3.ª, que a bordo do vapor «S. Jorge», fundado na doca de Alcântara, foi colhido pela porta de um condensador, ficando com o braço direito fracturado.

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, recolhendo depois a casa, Joaquim José Pereira, de 35 anos, natural de Lisboa, fogueiro, residente na rua das Farinhas, 34, 3.ª, que a bordo do vapor «S. Jorge», fundado na doca de Alcântara, foi colhido pela porta de um condensador, ficando com o braço direito fracturado.

Recebeu curativo no banco do hospital de S. José, recolhendo depois a casa, Joaquim José Pereira, de 35 anos, natural de Lisboa, fogueiro, residente na rua das Farinhas, 34, 3.ª, que a bordo do vapor «S. Jorge», fundado na doca de Alcântara, foi colhido pela porta de um condensador, ficando com o braço direito fracturado.

de teias também a jornal; actualização das tabelas que são ainda muito baixas; e o tempo que estão à espera da teia, ser empregado na escolha de lá ou qualquer outro serviço da fábrica, que se coadunasse com a sua resistência física. Tudo isto poderia impor-se em envolverem pela sua organização, havendo entre eles boas companheiras, especialmente Amélia de Matos, rapariga activa e compreensiva mas não tem quem a ajude!

«Os mais organizados são os da oficina de «acabamentos». Há bons rapazes que prometem alguma coisa. Deste pessoal fazem parte muitos indivíduos, já velhotes, que dificultam um tanto os movimentos dos novos, no entanto não são mais de tudo.

«As mulheres que estão quasi alheias do restante pessoal, são as da «espigão», não querendo nada com a associação, que lhes faz bastante falta... A sua indiferença pelo organismo sindical, foi o ressentimento por alguns fracassos durante o período da formação do sindicato.

«Os serraíheiros e carpinteiros não são sindicados com os lanifícios, mas deviam ser, porque os sindicatos devem formar-se sobre a base da utilidade produzida.

Assim, são forças dispersas, que não aproveitam a ninguém!»

Depois deste camarada ter terminado a sua bela exposição, escalpitando, com conhecimentos, os motivos da fraqueza, do seu baluarte associativo, preguentei-lhe:

—Porque não dedica uma aturada propaganda em prol do levantamento da associação, criando uma escola, inaugurando uma biblioteca dotada de obras sociológicas e promovendo uma série de conferências?

—Porque os que trabalham na causa de emancipação textil são muito poucos, notando-se, meu amigo, uma grande falta de militantes!

—E o que pensa sobre a constituição da Federação das suas indústrias?

—Já expus na *Batalha* qualquer coisa neste sentido. Agora estou na expectativa, esperando que mais alguém se interesse sobre tão palpitante assunto, que, quanto a mim, a sua constituição traria grande actividade para esta classe e um maior coesão orgânica.

—Tem razão, porque assim são forças dispersas que se encontram por esse país fora.

Camaradas textéis, uni-vos!

Se é na escola que reside o poder de instrução e educação; na sociedade harmoniosa o prazer espiritual da arte; não poderemos viver felizes e alegres, sem que a nossa situação económica seja devidamente tratada pelo vosso sindicato profissional, e para que este facto se constate é necessário que lhe presteis todo o concurso e força que lhe é necessária para assim romper de vez contra aqueles que colididamente nos exploram, que arremessam as vossas companheiras, do lar para a oficina, tuberculizando-as pelo extenuante trabalho, incluindo na voreagem os vossos filhos esqueléticos, que mal a sua mocidade desabrocha começam sentindo as pesadas aguras do industrialismo rapace.

Domingos Afonso RIBEIRO.

Na esquadra do Alto do Pinheiro

Da desordem entre policias resultaram três mortos

Na enfermaria de Santo António do hospital de São José, faleceu ontem às 5 horas da madrugada o 1.º cabo de polícia n.º 88, Miguel da Conceição Pinto, agredido a tiro pelo civico n.º 224, na esquadra do Alto do Pinheiro.

Vieira Leiria — A. T. Pedrosa. — Recebemos 15000. Entendidos.

Portimão — J. Braz Costa. — Não temos o livro pedido.

Porto — S. U. Textil. — Não há motivos para as vossas observações, visto que o recibo já são duas vezes que vem devolvido. Deve ser coisa da; verifique o que há. Aguardamos e segue a cobrança em 9100, o livro pedido e o recibo da vossa assinatura até fim de Dezembro.

Alentejo — Agente. — Recebemos lição. E, necessário enviar junto da liquidação a nossa guia de remessa.

Porto — J. E. — Seguiu livro.

Vila — H. S. C. — Diário e Suplemento pagos até 3 de Novembro. Não conhecemos as obras que indica.

Horário de trabalho

A Federação dos Empregados no Comércio, vai encetar um forte movimento na classe, tendente a que o novo regulamento ao horário de trabalho elaborado pela sub-comissão às leis Sociais e de Trabalho, seja imediatamente aprovado e posto em execução.

Esse documento, como está elaborado merece um certo valor e importância para a classe, pois que muito a vem beneficiar nas suas reivindicações.

Consta-nos que, para apreciar esse trabalho em definitivo vai reunir a grande comissão muito em breve.

E' necessário que a classe esteja preparada para qualquer eventualidade que se possa dar.

Urge que a classe esteja alerta.

Todos os sindicatos do país vão instalar junto da grande comissão, como das entidades oficiais, para que se proceda quanto antes à sua aprovação.

POVO DE LISBOA

VINDE à Chapela da Ilhota que acaba de receber grande sortimento em chapéus para homens e crianças; artigo no rigor da moda; preços desde 30000; a nossa norma é ganhar pouco para vender muito, 125, Rua dos Anjos, 127 — Lisboa.

A BATALHA

Coimbra

Pela organização operária

COIMBRA, 20. — Na passada sexta-feira, reuniram na Casa dos Trabalhadores para tratar assuntos de grande interesse para a classe, os operários metalúrgicos desta cidade.

Como porém a importância dos assuntos requeria uma sessão onde a classe estivesse bem representada, o que infelizmente se não verificou, foi resolvido tratar somente do preenchimento de três vagas existentes na comissão administrativa do sindicato, para os quais foram nomeados Augusto Nogueira, João Machado e Joaquim Lourenço.

Resolveram-se mais realizar no domingo uma outra sessão, esperando que a classe nela melhor se fizesse representar.

No domingo, efectivamente realizou-se, pelas 11 horas, a sessão, havendo no entanto pouca assistência de metalúrgicos o que é deveras lamentável.

Vários foram os oradores que fizeram uso da palavra, entre eles Elyseu das Neves, Joaquim Pedro, João Machado, Augusto Nogueira, Adolfo de Freitas e António Ferreira, do Comité de Propaganda Confederal.

Todos foram unânimes em condenar a atitude da maioria da classe metalúrgica, que não compareceu, isto quando exactamente se está desenhando uma crise de trabalho na indústria, todos se deviam unir fortemente.

Apreciada a situação financeira do sindicato no que respeita à maneira como uma parte da classe se desintende da sua vida não pagando as suas cotas, foi resolvido nomear comissões de que façam parte os cobradores e membros da direcção do sindicato, para ver assim o que se pode fazer.

António Ferreira, que falou em nome do Comité de Propaganda Confederal, esperava-se em considerações sobre a resolução do mesmo Comité sobre a escola de militantes e leitura comentada.

No final, expostas as necessidades de fortalecer a organização com militantes capazes para a guiar no caminho da revolução emancipadora, alguns dos metalúrgicos inscreveram-se para as referidas aulas.

Fronteira

Um padre que cubia a mulher do próximo e os bens alheios

FRONTEIRA, 20. — Vamos apresentar aos leitores mais uma prova dos baixos sentimentos que caracterizam a maior parte dessas criaturas que se denominam «ministros» dum deus em que não creem mas que invocam, hipocritamente, para garantirem seus bastos proventos à custa da ignorância popular e acobertarem as suas ignóbeis proezas.

Há alguns anos veio do Brasil o padre Mourato que habita um prédio que é pertença do trabalhador rural José Sequeira, cuja mulher se deixou impressionar pelas perfidas blandícias do mar-marro a quem servia de criada.

Desta infâmia tam antagónica com os ensinamentos da moral cristã resultou o esfacamento dum lar, pois o Sequeira vai divorciar-se.

O odioso tonsurado pretendia ainda apoderar-se do prédio, para o que indunha a amante a fazer empréstimos de dinheiro que lhe ia satisfazendo a juro, de modo que a dívida ultrapassava já 3.000 escudos!

A famigerada cédula pessoal

Apesar de ter sido suspensa a aplicação da lei sobre a cédula pessoal, o oficial do registo civil — um ex-nadre — num

caso de trabalho em bem da nossa causa, defendendo o pio dos nossos filhos.

A'ante, pois, pelo desenvolvimento da indústria corticeira, como diz o camarada António Bento em *A Batalha* de 12 do corrente.

Barão ROCHIN
Operário corticeiro sindicalizado

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

No presídio naval da Junqueira

Recebemos uma carta em que indignadamente se protesta contra o tirânico regime a que estão sujeitos os marinheiros reclusos no presídio naval da Junqueira, os quais são rigorosamente castigados por insignificantes motivos, o que ainda se verificou no domingo passado.

A porta da prisão há mais de um mês que está fechada, em virtude de estar rota a rede de arame que sobre o gradão correspondente, dificultando assim a visibilidade aos reclusos.

Diz ainda a carta que, se se não modificar regime tam desumano, natural será que se constate um protesto enérgico por parte de quem a lei está submetido.

Como a «pátria» recompensa os seus servidores

D. Dily, capital da colónia portuguesa de Timor; escrevem-nos, relatando a miserável situação económica em que se encontram os cabos que fazem serviço no exército colonial e que, depois de terem sacrificado o melhor da idade e da saúde ao serviço do Estado, são reformados com vencimentos que chegam a ser caricatos por exiguidade.

O nosso correspondente, em frases amargas, lamenta que tam negra recompensa se dê a quem se sacrificou pela «pátria» com que tanto especulam os que à sombra dela conseguem tanto proveito...

Associação de Classe dos Chauffeurs do Sul de Portugal

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a assembleia em continuação da de 20, sendo indispensável a comparecência do maior número de sócios.

Pela Mesa da Assembleia Geral, Francisco Nunes (Presidente)

Leiam «O Suplemento de A BATALHA»

A BATALHA

NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

ca se importou com isso exigido aquele documento em todos os registos de nascimento e de consórcio, embora nos tivesse prometido informar-se convenientemente sobre o assunto quando, em fins de Agosto, o procurámos para registar uma criança e lhe mostrámos um exemplar de *A Batalha* no qual se reproduziam as declarações perentórias do ministro da justiça de que a aplicação da lei estava suspensa.

Alpiarça

Um «arsenal» que custou barato e serve para o administrador armar amigos

ALPIARÇA, 20. — Constatou que o administrador do concelho havia emprestado aos proprietários da quinta das Varandas, no Cartaxo, sr. dr. João M. da Costa e Manuel Duarte, três armas apreendidas, entre as quais a de Sêrvulo Simões a quem quiseram fazer passar pelo assassino do tenente José Serafim da Fonseca, caso que ainda não foi certamente esquecido pelos leitores de «A Batalha».

O Sêrvulo, para se certificar, foi à referida quinta e reconheceu como sendo a sua uma das armas, o que o levou a protestar, perante o comandante do posto da G. N. R. de Alpiarça, contra o abuso praticado pelo administrador, que é o conhecido sr. Manuel da Silva Tendeiro.

Este, agastado, declarou a alguém que podia apreender e emprestar armas a quem entendesse, repensando a sua antiga insinuação de que o Sêrvulo era o assassino do malogrado tenente Fonseca.

Ora é bom saber-se que o administrador é primo de um dos indivíduos de quem a policia de investigação sempre suspeitou serem os verdadeiros autores do crime e que seguem num automóvel que passava perto da vítima quando sou o tiro fatal.

O sr. Manuel Duarte é por sua vez conhecido de Manuel Catarino, um dos passageiros de misterioso automóvel.

Não haverá quem obribe o sr. Tendeiro a respeitar melhor a propriedade e a reputação alheia ou Alpiarça é um feudo seu?

Silves

Crise de trabalho na indústria corticeira

SILVES, 20. — Lavri nesta cidade uma tremenda e pavorosa crise de trabalho, podendo-se dizer que a maioria das fábricas estão paralisadas, encontrando-se na mais angustiosa das situações, um grande número de trabalhadores.

Alegam os industriais que os motivos da crise são falta de transportes e subida cambial, o que nós acreditamos com reservas. Não compreendemos que alguns industriais alegam falta de transportes quando têm cortiça em casa e não a manipulam; outros há que dizem que a origem da crise é a subida cambial, de que nós discordamos, porquanto a crise na indústria se vem acentuando há mais de um ano, e a descida da libra não se há mais de dez dias. Quanto a nós, o que há é uma incompetência absoluta do industrialismo nomeadamente no corticeiro, ou então uma grande má vontade contra esses que lhes amassaram a fortuna.

Sei como são, são os operários que lhes sofre as consequências. Devem, pois, estes prepararem-se para reclamarem, de quem de direito, a abertura das fábricas, indo até à posse das mesmas se as circunstâncias lhes permitirem.

Em virtude desta comissão ter que dar conta dos seus trabalhos até ao dia 10 do próximo mês de Novembro, pede a todos os organismos a quem se dirigiu em circular e bem assim aos camaradas que a queiram auxiliar, a lindeza de se dirigirem a Félix António Fernandes, Calçada do Combro, 33-A, 2.º, Lisboa.

A comissão de Coimbra recebeu até ao dia 20 do corrente mais as seguintes importâncias: Pessoal de Conservas de Portimão, 103000; Rurais de B-navila, 24500; Rurais de Aviz, 21555.

Esta comissão lembra aos organismos e camaradas que possuem listas que não descurem o assunto, pois o julgamento está a aproximar-se. Toda a correspondência para Laurentino Pinto, rua da Moeda, 43, 2.º, Coimbra.

Também a comissão do Porto recebeu dum camarada a quantia de 50805, proveniente duma quantia tirada no funeral de Adelino Costa, militante da Construção Civil. A comissão apela para todos os camaradas e organismos a fim de prestarem a sua solidariedade a Manuel Ramos, podendo-o fazer até ao dia 10 de Novembro. A todos os camaradas que têm bilhetes a passar para a velada social, se lembra que abreviem essa passagem. A comissão pede ainda a todos os camaradas que o possam fazer a enviar-lhe prendas para a velada que se realiza no domingo, 26, no salão da Construção Civil do Porto.

Para qualquer assunto dirigir correspondência a José da Silva, rua do Bonjardim, 942, casa 5, Porto.

Uma senhora chamada Rita que em Almada vive em precárias circunstâncias comunicou-nos ter recebido 17900, produto duma quantia que o camarada José Ferreira realizou em seu favor.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Federação da Construção Civil

NOTA OFICIAL

Este organismo lembra a todos os sindicatos aderentes que devem ter em atenção o n.º 5 do capítulo I do seu regulamento que dispõe o pagamento do subsídio de operários de uma para outra localidade quando a transferência seja determinada pela secção Central da Caixa de solidariedade e da Bolsa de Trabalho, isto para evitar irregularidades que se têm verificado e ocasionam grandes prejuízos.

Ainda este organismo faz sentir a todas as Secções Federais e Profissionais que devem, quando reclamarem auxílio para qualquer associado preso, comunicar o motivo da prisão e apresentar em regra a caderneta profissional do mesmo associado, sem o que não podem ser atendidas reclamações desta natureza.

NOTA OFICIAL

Este organismo lembra a todos os sindicatos aderentes que devem ter em atenção o n.º 5 do capítulo I do seu regulamento que dispõe o pagamento do subsídio de operários de uma para outra localidade quando a transferência seja determinada pela secção Central da Caixa de solidariedade e da Bolsa de Trabalho, isto para evitar irregularidades que se têm verificado e ocasionam grandes prejuízos.

Ainda este organismo faz sentir a todas as Secções Federais e Profissionais que devem, quando reclamarem auxílio para qualquer associado preso, comunicar o motivo da prisão e apresentar em regra a caderneta profissional do mesmo associado, sem o que não podem ser atendidas reclamações desta natureza.

NOTA OFICIAL

Este organismo lembra a todos os sindicatos aderentes que devem ter em atenção o n.º 5 do capítulo I do seu regulamento que dispõe o pagamento do subsídio de operários de uma para outra localidade quando a transferência seja determinada pela secção Central da Caixa de solidariedade e da Bolsa de

LEIAM TODAS AS SEGUNDAS FEIRAS

Suplemento de A BATALHA

Valério, Lopes & Ferreira, L.
FERRAGENS E FERRAMENTAS



Metal, cutelarias, talhe-
res, louça esmaltada, pa-
rafusos, fundos para cal-
deiras, guarnições para
móveis

Chapa ferro preta
-- e zincada --

Chapa de zinco, latão e cobre, antímônio,
balanças, pesos e medidas, cravo para fer-
rador, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fone, 3930, N.
gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

IMPORTANTE
SEGURO MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes
que celebrou contratos com os mais importantes
resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os
riscos marítimos em condições das mais vantajosas
e dentro da máxima garantia.
Vantagens especiais em apólices fluctuantes.
Dirigir-se a



A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado, Esc. 500.000\$00 -- Reservas, Esc. 749.051\$80,9
SEDE EM LISBOA DELEGACÃO NO PORTO
Rua Garrett, 95 -- Tel. 3394 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Material eléctrico

Fios e cabos para electricidade
Lâmpadas eléctricas
Motores eléctricos e dinamos
(em armazém da fábrica)

GANZ E. A. G. -- Budapest

Fábrica de cobertura de
fio para electricidade

Preços especiais para revenda
Descontos aos montadores electricistas

**Empresa Comercial de Má-
quinas e Electricidade, Lda.**

R. da Palma, 225 a 235 - LISBOA

**Companhia dos Caminhos de Ferro
Portugueses**

DIRECCAO GERAL

Concurso para admissão de prati-
cantes de escritório dos Ser-
viços Centrais

Até 18 de Novembro p. f. está aberto
concurso para admissão de praticantes
de escritório dos Serviços Centrais des-
ta Companhia.

O programa do concurso e demais
condições estão pstantes na Secretaria
da Direcção Geral (edifício da estação
de Santa Apolónia) todos os dias úteis,
das 10 às 13 e das 14 às 16 horas.

Lisboa, 18 de Outubro de 1924. -- O
Director Geral da Companhia, **Ferreira de Mesquita**.

**Companhia dos Caminhos de Ferro
LEILÃO**

Em 27 do corrente e dias seguintes, às 11
horas, na estação desta Companhia em Li-
sboa, Cais dos Soldados, e em virtude do
Artigo 14.º do Regulamento da Companhia
de Santa Apolónia, todos os dias úteis até
ao artigo 14.º da Tarifa de despesas acessórias,
proceder-se-á à venda em hasta pública de
todas as remessas incursas nos respectivos
prazos bem como de outros volumes não re-
clamados.

Aviando-se, portanto, os respectivos con-
dições estão pstantes na Secretaria
da Direcção Geral (edifício da estação
de Santa Apolónia) todos os dias úteis até
ao artigo 14.º da Tarifa de despesas acessórias,
proceder-se-á à venda em hasta pública de
todas as remessas incursas nos respectivos
prazos bem como de outros volumes não re-
clamados.

Lisboa, 7 de Outubro de 1924. -- O Director
Geral da Companhia, (a) **Ferreira de Mes-
quita**.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico,
Gotoso, Articular, Artri-

: tico, Muscular : :

24 horas depois não tem
mais dores

E' inofensiva porque não
exige dieta

Preço 8\$00 - - - - -

Vende-se em todas as boas
-- farmácias e drogarias --

P6 Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente
das blenorragias crónicas ecentes.

Resultados imediatos e compro-
vados pelo distinto médico ope-
rador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440 -- PORTO

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem for só-
cio ou confederado na C. G. T. ou assi-
nante de A Batalha e suas famílias.
Funerais nos Hospitais, Morgue e par-
ticulares. Trasladações, corações. Preço
muito resumido -- por possuir todos os
utilitários. -- Telef. 78-Benfica. -- R. Al-
ves Correia, 189 (Vulgo São José). --
Empregado a qualquer hora da noite.

**Pedras para
isqueiros**

A melhor marca do mercado
-- Redondas ou em prancha --
Fornecidas aos quilos ou em
envelopes com 100 ou
em tubos de vidro

Pedras ao importador:

J. V. Oliveira Júnior

Rua da Prata, 178, 1.º

Papel "Águia de Ouro"

E' o melhor papel de fumar

para os trabalhadores

Excelente apresentação, em

livrinhos de 120 folhas

PEDIR EM TODA A PARTE

Electricistas

montadores

Não comprem material eléctrico

sem ver os preços porque vende

A. Pedro dos Santos

Rua dos Douradores, 177

AÇUCAR CLARO

QUILO..... 4\$20

Bacalhau suco, 7\$30 e 6\$50; chouriço

novo, 22\$00. Especialidade em chás, cafés

legumes, sabões, zeites e todos os artigos

de mercearia. Rua de S. Nicolau, 45, Tel.

C. 2453. Entrega nos domicílios e desconto

a revendedores.

Montadores electricistas

PRECISA-SE que não comprem ma-

terial sem consultar a "Iluminante"

Avenida Almirante Reis, 6 -- Telefone

Norte 1323.

Trabalhadores: Lede a BATALHA

MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR E DECORADOR PROFISSIONAL

Mobiliás de casa de jantar, quarto, sala e es-

critório. Encarrega-se de todo o trabalho

concernente à sua arte, pelo sistema inglês,

assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os géneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 -- Telef. N. 1359

Para conseguir cabeleiras assim



Usae o
Cleo de Mão de Vaca

Evita a queda dos cabelos promovendo
o seu desenvolvimento, tornando-os bri-
lhantes e flexíveis e evitando a caspa.
50 anos de venda asseguram os seus
-- bons efeitos --
Frasco 2.200. Para a provincia 3.200

Perfumaria Mendonça

=> 43, CALÇADA DO COMBRO, 4
LISBOA

CALÇADO

A Sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos
em verniz, abotinados, salto Luis
XV.
a 7\$500 botas em calf, preto,
forma da moda, 2 gáspas e 2 so-
las corridas, cujo valor é de 10\$00,
a 30\$00 sapatos de verniz abo-
tinados e c. IX, para senhora, cujo
valor é de 6\$00,
a 5\$500 sapatos de calf cõr da
moda, cujo valor é de 8\$00,
a 5\$950 grande lote de botas,
sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e botas, muito mais
baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

Grande baixa de preços da

"BITUMASTIC"

revestimento muito brilhante para o ferro, ma-
deira e alvenaria, tornando estes materiais ina-
tacáveis pela humidade, gases sulfurosos, ácidos,
saes. Insensível às variações de temperatura.

Agentes e depositários: **C. Santos, Lt.º**

Rua Nova do Almada, 80, 2.º -- LISBOA

Fatos completos

Actualmente liquidação de sal-
dos das estações
anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

Mistérios do Povo

JÁ SAÍU A 2.ª SÉRIE

10 TOMOS -- 5\$00

ficarem separadas, a serem dispersas para longe, e
um sinal indelével pode facilmente ajuda-las a reco-
nhecer-se.

Apenas Rosen-Aer pronunciara estas palavras,
quando, aproximando-se dela, Bonaik, comovido e per-
turbado, exclamou:

—A senhora é da raça de Joel, o brenn da tribo
de Karnak?

—Sim; bom velho.

—E habitava na Borgonha, no vale de Charolles,
em outro tempo concedido a Loysik irmão de Ronan,
pelo rei Clotário II?

—Mas, bom velho, como sabe todas essas coisas?

O velho; arregaçou a manga da borbaca, e com o
dedo designou estas duas palavras: *Brenn-Karnak*,
traçadas no braço.

—Também o senhor? exclamou Rosen-Aer, tam-
bém o senhor pertence à família de Joel...

—Um de meus avós chamava-se Kervan, e era ir-
mão de Ronan. Eis a minha filiação.

—A sua família habitava na Bretanha, ao pé de
Karnak?

—Sim, e meu irmão Allan ou seus filhos, sem dú-
vida que não abandonaram o berço da nossa raça.

—E como caiu no cativeiro?

—A nossa tribo; atravessando a fronteira, foi, se-
gundo o costume de tempos remotos, vindiado com as
armas na mão as vinhas dos francos, no país de Ren-
nes. Eu tinha então quinze anos e acompanhava meu
pai nesta expedição; um bando de francos nos atacou;
durante o combate, fui separado de meu pai e depois
conduzido escravo para longe. Tornado a vender e
passando de senhor para senhor, o acaso me conduziu
a este país onde estou há doze anos. Ah! muitas vezes
os meus olhos se têm voltado para as fronteiras da
nossa antiga e querida Bretanha, sempre livre; mas a
minha avançada idade, o hábito de uma profissão que
me seduz e me consola, me estorvaram sempre de
cuidar numa evasão. Assim, somos parentes!... Aquele
infeliz que ali está; junto de nós, cativo, é do nosso

sangue?... Mas como se tornou ele o chefe desse
bando de francos que a inundação acaba de tragar? Eu
contava a esta pobre menina que um judeu, negociante
de escravos, tendo-me visto no braço estas duas pala-
vras: *Brenn-Karnak*, pareceu surpreendido e me disse:

—Não tens tu um filho de idade de vinte e quatro
anos, e que também usa estas duas palavras traçadas
no braço? Apesar do horror que me inspirava aquele
judeu, estas frases reanimaram em mim a esperança
de encontrar meu filho.

—Sim, respondi-lhe eu, há dez anos que meu filho
desapareceu do lugar onde habitava.

—E tu vivias no vale de Charolles? perguntou in-
diferentemente o judeu.

—Conheces meu filho? exclamei eu; mas esse ho-
mem, sem me responder, afastou-se com um sorriso
cruel.

—E depois, replicou Septimina; nunca mais o tor-
nou a ver?

—Nunca mais! Os carros puzeram-se a caminho
para este país; onde cheguei com as minhas compan-
heiras de cativeiro. Todas deviam ter perecido com a
inundação desta noite, e se não fosse a corajosa de-
dicação desta menina, também eu perderia a vida...

—O judeu Mardocheu, replicou o velho oulives re-
flectindo, esse mercador de carne gaullesa, amigo do
administrador Ricariko, há poucos dias que veio aqui;

achava-se no convento de São Saturnino na ocasião
da doação dessa abadia a seu filho e à sua gente; terá,
sem dúvida alguma, advertido a abadessa, e por isso
ela fez os seus preparativos de defesa contra os
guerreiros que vinham esbulhá-la.

—O judeu devia ter chegado aqui dois ou três dias
antes da tropa do sr. Bertoaldo, retardada na sua
marcha pelas numerosas bagagens que traziam com-
sigo.

—Logo o judeu preveniu Mardocheu revelando-lhe
sem dúvida que o pretendido chefe franco Bertoaldo
era de raça gaullesa, replicou Bonaik; daí procede essa
vingança da abadessa, que mandou meter seu filho

naquele subterrâneo, julgando sem dúvida expô-lo a
uma morte certa. Trata-se agora de salvá-lo a ele, a
senhora e também a nós; porque ficar neste convento
depois da evasão de seu filho, seria expor à vingança
da abadessa estes pobres aprendizes e Septimina.

—Oh! bom velho! que faremos? replicou Septimina
pondo as mãos. Ninguém pode entrar naquele edificio
por baixo do qual está encerrado o sr. Bertoaldo.

—Chama-lhe Amael, minha filha, replicou Rosen-
Aer com amargura. Onome de Bertoaldo recorda-me
de continuo uma vergonha que desejaria esquecer...

—Tirar Amael desse subterrâneo não é coisa im-
possível, replicou o oulives abanando a cabeça. Já re-
flecti nisto, e tenho, segundo creio, algumas esperan-
ças de bom êxito.

—Mas, bom velho, disse Rosen-Aer, e as grades
de ferro da janela desta oficina? as da fresta do subter-
râneo onde está fechado meu filho? finalmente, aquele
largo e profundo fosso? quantos obstáculos!

—Esses obstáculos não são os mais difíceis de ven-
cer. Suponhamos que é noite, Amael em liberdade
reúne-se a nós, que devemos fazer?

—Sair da abadia; disse Septimina; fugirmos todos.

—E porque meio, minha filha? Acaso ignoras que
ao anoitecer se fecha a porta da calçada? O guarda
está alerta; depois, ainda que se transpuzesse essa
porta a inundação cobre a calçada; será mister dois ou
três dias para que as águas se retirem de todo; daqui
até lá esta abadia estará rodeada de água como uma
ilha.

—Mestre Bonaik, replicou um dos jovens aprendi-
zes, e os barcos de pesca?

—Onde estão eles amarrados, ordinariamente, meu
rapaz?

—Do lado da capela.

—Será preciso para lá chegar atravessar o pátio
interior do claustro, e a porta todas as noites é ferro-
lhada pela parte de dentro!

—Ah! disse Rosen-Aer, devemos renunciar a toda
a esperança?

—Nunca se deve desesperar. Tratemos em pri-
meiro lugar de Amael. Sucedá-lhe o que lhe suceder,
logo que esteja fora do subterrâneo, a sua sorte não
podrá piorar. Agora, meus filhos, mais uma palavra,
acrescento o oulives dirigindo-se aos aprendizes. O
que vamos tentar é grave; trata-se da vida de todos
nós. Vosses não podem hesitar: é necessário secun-
dar-nos ou trair-nos. Trair-nos seria uma má acção,
contudo não têm outro interesse para esta evasão se-
não a incerta esperança de recobrar a sua liberdade.

Querem trair-nos? digam-no francamente e já...; en-
tão não emprenderei coisa alguma, e a sorte desta
digna mulher e de seu filho cumprir-se-á. Se, pelo
contrário, com o seu auxilio, conseguirmos salvar
Amael e sair desta abadia, é este o meu projecto.

Daqui até aos limites da Armórica, unica terra hoje
livre na Gália, são quatro dias de jornada, segundo
dizem; nós procuraremos ali chegar; logo que estiver-
mos na Bretanha, não devemos recear coisa alguma e
tomaremos o caminho de Karnak; ali encontraremos
meu irmão ou os seus descendentes, a tribo os rece-
berá como se fossem da mesma família; aprendize
oulives tornar-se-ão aprendizes lavradores, quando
não preferam continuar a sua profissão alguma coisa
da Bretanha, não como artistas escravos, mas sim
como artistas livres. Reflectam maduramente e de-
citem-se; o dia vai já adiantado e o tempo é precioso.

Justino, um dos aprendizes, depois de ter conferen-
ciado em voz baixa com os seus companheiros, res-
pondeu, ao velho:

—A nossa escolha não é duvidosa, mestre Bonaik;
procuraremos, assim como o senhor restituir um filho
a sua mãe; suceda o que suceder, nós partilharemos a
sua sorte!

—Obrigado, oh! obrigado, generosos filhos! disse
Rosen-Aer com os olhos cheios de lágrimas. Ah! eu
nada mais posso oferecer-lhes do que o reconheci-
mento de uma mãe...

—E agora, replicou vivamente o oulives, que re-
cebeu reassumir a vivacidade da sua juventude, mas